

Artigo original

Da matéria ao objeto: a tarefa do linguista na visão saussuriana

From matter to object: the linguist's task in Saussure's perspective

Allana Cristina Moreira Marques

Resumo: Tendo em vista a distinção observada por De Mauro (1967) entre matéria e objeto, no *Curso de Linguística Geral*, neste estudo investigamos o estatuto desses termos em fontes da edição póstuma: anotações de alunos de Ferdinand de Saussure e anotações de seu próprio punho. Nossa análise contribuiu para evidenciarmos a pertinência da tarefa do linguista na compreensão do que Saussure estabelece como matéria e objeto da Linguística. Isso porque, para além de ser intermediária entre a matéria e o objeto, a tarefa do linguista, na visão saussuriana, é a própria condição de existência do objeto nesta ciência.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Matéria; Objeto; Tarefa.

Abstract: Considering the distinction observed by De Mauro (1967) between matter and object, in the *General Linguistics Course*, in this study we investigated the status of these terms in sources of the posthumous edition: notes by Ferdinand de Saussure's students and his handwritten notes. Our analysis contributed to highlight the pertinence of the linguist's task in understanding what Saussure establishes as the matter and object of Linguistics. This is because, in addition to being an intermediary between matter and the object, the task of the linguist, in the Saussurian view, is the very condition of existence of the object in Linguistics.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Matter; Object; Task.

A matéria, a tarefa e o objeto: o vislumbre de uma tríade saussuriana

De maneira distinta do que comumente acontece com os pares conceituais saussurianos, poucas vezes os termos *matéria* e *objeto*, mobilizados por Ferdinand de Saussure em sua reflexão, foram tomados a partir das relações que, ao mesmo tempo, os unem e os distanciam. Na contramão disso, De Mauro (1967), organizador de uma das principais edições críticas do *Curso de Linguística Geral* (CLG), e exímio conhecedor da fortuna crítica saussuriana, evidencia relações conceituais importantes entre esses dois termos.

A proposta do linguista italiano é a de que Saussure instaura uma distinção entre o que é a matéria da Linguística, isto é, a totalidade de fatos heteróclitos que compõem o conjunto de manifestações da linguagem humana, e o objeto da Linguística propriamente dito, a língua. Desse modo entendido, o

termo *matéria* estaria reservado à massa de fatos que precede a análise do linguista enquanto o termo *objetivo* estaria reservado ao produto já ordenado por sua análise.

O vislumbre de uma nova distinção na terminologia saussuriana estabelecida entre os termos *matéria* e *objeto*, segundo De Mauro (1967), primeiramente observada por Borgström em 1949, ganhou adeptos e críticos. É o que se verifica no estudo *Modélisation, langage et langue chez Saussure* assinado por Béatrice Turpin (1993[1967]) para quem a separação entre matéria e objeto é relativa àquela entre linguagem e língua, respectivamente. Por outro lado, a proposta interpretativa de De Mauro (1973), calcada no que propõe Borgström, recebeu críticas e indagações. É o que faz Vardar (1977), por exemplo, ao apontar hesitações na interpretação do elemento metalinguístico *objeto*.

Tendo em vista a acuidade da distinção destacada por De Mauro (1973[1967]) entre os termos saussurianos *matéria* e *objeto*, mas, ao mesmo tempo, as críticas e as indagações que essa separação suscitou, questionamo-nos como essa diferenciação se comporta quando consideradas as fontes que deram origem à edição de 1916. É possível vislumbrar essa separação terminológica já nas aulas ministradas em Genebra, fontes da reflexão sobre a matéria e a tarefa da Linguística, ou mesmo em anotações manuscritas de Saussure que serviram de fonte para elaboração do conhecido capítulo a respeito do objeto da Linguística?

Movidos por tal questionamento, apresentamos este estudo que teve por objetivo investigar o estatuto das noções de *matéria* e de *objetivo* em anotações de alunos de Ferdinand de Saussure e anotações autógrafas do mestre genebrino. Embora primeiramente direcionados por esse par, nosso estudo evidenciou a necessidade de se levar em conta também, na compreensão da matéria e do objeto em Linguística, um terceiro elemento: a tarefa do linguista.

É preciso considerar que apesar da pertinência das questões relativas à matéria e à tarefa da Linguística, a discussão teórica a respeito do objeto da Linguística ganhou os palcos na história da recepção do CLG. Por poucas vezes a matéria e a tarefa da Linguística, pontualmente abordadas no início da edição, provocaram calorosas discussões quando comparadas à gama de estudos concernentes ao objeto. Nesse estudo, procuramos demonstrar a indissociabilidade entre o que chamamos de tríade saussuriana: a matéria, o objeto da Linguística e a tarefa do linguista.

Guiados por esse interesse, propomos, neste artigo, uma retomada da reflexão de De Mauro (1973[1967]), avaliando suas adesões e críticas, uma leitura dos capítulos do CLG “Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas” e “Objeto da Linguística” em cotejo com materiais que serviram de fonte para a empreitada editorial de Bally e Sechehaye, são eles: anotações de cadernos dos alunos, relativas à elaboração sobre a matéria e a tarefa da Linguística, e anotações manuscritas de Saussure, relativas ao objeto da Linguística.

Matéria versus objeto: a interpretação de De Mauro (1973[1967]), suas adesões e suas críticas

A distinção destacada por De Mauro (1973[1967]) entre matéria e objeto é apresentada na nota 40, do conjunto de notas que compõem a edição crítica do CLG organizada pelo linguista italiano¹. Trata-

I Agradecemos à Professora Doutora Eliane Silveira, que, em uma de suas aulas, no quando da Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia, apresentou-nos essa diferenciação feita por De Mauro, ponto de partida desta nossa reflexão.

se da segunda nota do capítulo “Matéria e tarefa da Linguística sua relação com as ciências conexas”. Essa nota, que acompanha o primeiro parágrafo do capítulo, coloca em evidência, a partir de um asterisco, o termo *matéria*. De Mauro explicita que, para Saussure, a matéria “é o conjunto de todos os fatos que, ao nível da linguagem corrente, podem ser considerados como ‘linguísticos’”. Tal interpretação está calcada na afirmação de Saussure segundo a qual “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37).

De Mauro (1973[1967]) adverte, no entanto, que, como propõe Saussure, esse conjunto de fatos resulta em uma massa heteróclita, suscetível de ser estudada por múltiplas disciplinas, com as quais a Linguística se relaciona, uma vez que seu objeto, na proposta do genebrino, é a língua. A respeito do termo *objeto*, por sua vez, o linguista italiano esclarece:

Esse último termo é utilizado por Saussure no sentido de “finalidade de uma atividade”, em outras palavras, no sentido escolástico para o qual o *objectum* é, como *τελος* aristotélico, o termo de uma operação e, no caso de *objectum* de uma ciência, é a matéria do saber como ela é apreendida e conhecida (...) (DE MAURO, 1973[1967], p. 415).

A partir do trecho em destaque, bem se vê, De Mauro chama a atenção para o fato de que o termo *objeto*, na visão saussuriana, possui o sentido de finalidade de uma atividade, de termo de uma operação, ainda, de matéria do saber. Para sustentar seu argumento, De Mauro (1973[1967]) se vale do que é explicitado por Dewey em sua *Logic*:

A palavra *objeto* será reservada à matéria tratada na medida em que ela foi produzida e ordenada de forma sistemática no curso da pesquisa; os objetos são, portanto, os *objetivos* da pesquisa. A ambiguidade que poderá encontrar na utilização do termo “objeto” nesse sentido (uma vez que a regra é que essa palavra se aplica às coisas observadas e pensadas) é apenas aparente. De fato, as coisas existem para nós *como* objeto apenas na medida em que foram anteriormente determinadas como resultados de pesquisa. (DEWEY apud DE MAURO, 1973[1967], p. 415).

Tal como fora definido por Dewey, então, o objeto de um estudo é um produto ordenado no curso de uma pesquisa, isto é, constitui a matéria já tratada. Para o editor crítico, essa mesma distinção é a que Saussure procura estabelecer ao separar a reflexão em torno da matéria e da tarefa da Linguística de seu verdadeiro objeto. Assim, no capítulo “Matéria e tarefa da Linguística: suas relações com as ciências conexas”, Saussure se reserva a apresentar como matéria da Linguística todas as manifestações da linguagem humana, as quais são, portanto, anteriores à análise do linguista. No capítulo “Objeto da Linguística”, por outro lado, Saussure trata do objeto da Linguística enquanto tal, portanto, enquanto um novo estágio da matéria, que resulta da operação do linguista.

Uma vez mais, em sua nota de número 176, De Mauro (1973[1967]), ao tratar do par diacronia e sincronia, reforça a distinção entre matéria e objeto no pensamento saussuriano. Segundo o estudioso:

A atitude fundamental de Saussure é que a oposição entre sincronia e diacronia é uma oposição

de ‘ponto de vista’; ela tem um caráter metodológico, concerne à pesquisa e seu *objeto* (no sentido esclarecido no C.L.G 20, n. 40) e não ao conjunto de coisas das quais se ocupa o pesquisador, sua *matéria*”. (DE MAURO, 1973[1967], 453).

Em primeiro lugar, é preciso destacar o fato de que, para De Mauro, a distinção saussuriana entre a sincronia e a diacronia coloca em causa o ponto de vista da análise. Trata-se, portanto, de uma distinção de cunho metodológico, uma vez que estabelece os pontos de vista possíveis de serem adotados pelo pesquisador que se coloca frente aos fatos linguísticos. De posse desse entendimento, De Mauro procura evidenciar que a famosa distinção saussuriana entre sincronia e diacronia concerne, então, ao objeto de pesquisa do linguista, e não à matéria. A partir do excerto em destaque, bem se vê, então, que a matéria aparece como “conjunto de coisas” das quais o pesquisador também se ocupa, no entanto, de maneira distinta de seu objeto de pesquisa, possível de ser analisado pelo ponto de vista sincrônico ou pelo ponto de vista diacrônico.

Com base na dualidade destacada pelo editor crítico entre matéria e objeto, no estudo *Modélisation, langage et langue chez Saussure*, Béatrice Turpin (1993) argumenta que, para Saussure, o objeto é um construto teórico do ponto de vista. Tal compreensão, segundo ela, é possível quando se tem em conta a distinção entre língua e linguagem. Assim, a língua enquanto objeto é o resultado de uma abstração, isto é, o produto analítico de um ponto de vista, o do linguista; a linguagem, por sua vez, é a matéria antes de qualquer análise. Desse modo, para a autora, se a língua é o objeto saussuriano, a linguagem constitui a matéria de sua Linguística.

Em sua apresentação da edição crítica de Tullio De Mauro nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Baumer (1968) também coloca em evidência a separação do italiano entre matéria e objeto. Para Baumer (1968, p. 88), é preciso admitir que essa não é uma separação muito clara e que De Mauro, no intuito de esclarecer uma distinção, acabou por torná-la mais obscura. O autor lembra que se trata de dois termos da tradição filosófica e se questiona: é possível afirmar que na compreensão de De Mauro *objectum materiale* é aquele do qual várias disciplinas podem-se ocupar e *objectum formale* aquele que distingue a Linguística de outras disciplinas?

Em caso afirmativo, para o autor é possível que se aceite a distinção de De Mauro. Nesse sentido, o *objeto material* estaria para a *matéria* e o *objeto formal* para o *objeto*. No entanto, algumas questões persistem para o estudioso: “Dada a incerteza terminológica de Saussure, não seria possível que ele tivesse usado esses dois termos sem querer distingui-los rigorosamente?” (BAUMER, 1968, p. 89) Ainda: “É verdade que nos encontramos aqui em plena epistemologia, e que poderíamos extrapolar para o infinito as linhas esboçadas por Saussure; mas ele mesmo previu? Matéria e objeto não são dois termos provisórios?” (BAUMER, 1968, p. 89). Frente a esse dilema, Baumer (1968) opta, então, por renunciar, tal qual em sua opinião é feito por Engler (1968) em seu *Lexique de la terminologie saussurienne*, uma opinião sobre essas duas noções, matéria e objeto.

De maneira ainda mais incisiva a interpretação de De Mauro (1973[1967]) é criticada por Vardar (1977), para quem a definição de objeto enquanto o *télos* aristotélico ou o *objectum* escolástico – desse modo entendido como finalidade de uma atividade – não se sustenta ao se considerar os diferentes

sentidos que esse termo adquire ao longo do CLG. Tanto o é que, como afirma Vardar (1977, p. 270), “De Mauro se vê obrigado a constatar que *objeto* tem em várias passagens o sentido habitual de coisa”. Portanto, para Vardar, há um equívoco por parte de De Mauro que não se prestou a verificar se a solução adotada era pertinente a todas as ocorrências do termo objeto no CLG, o que leva à necessidade de se tomar o termo *objeto* em seu sentido menos revolucionário do que o proposto por De Mauro.

Para Vardar, o equívoco de De Mauro ainda está em fazer abstração de um termo importante para a interpretação do pensamento de Saussure, o de tarefa: “outro elemento metalinguístico que deve ser apreendido pelas relações que estabelece com os outros dois” (VARDAR, 1977, p. 271). Como ressalta o autor, o capítulo “Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas” se propõe a duas subdivisões: a da matéria e a da tarefa da Linguística. É, pois, a seu ver, no termo *tarefa* que se encontram implicados o sentido de *télos* e *objectum*, atribuído equivocadamente por De Mauro ao termo *objeto*, uma vez que *tarefa* denota finalidade ou objetivo da atividade Linguística.

De nossa parte, concordamos com a necessidade defendida por Vardar (1977) de se considerar também o termo tarefa na compreensão do que Saussure estabelece como objeto e matéria da Linguística. No entanto, o que procuraremos ressaltar em análise aos cadernos dos alunos e às fontes manuscritas é que, para Saussure, tarefa e objeto se constituem mutualmente. Nesse sentido, parece-nos insuficiente, tendo em conta a reflexão saussuriana, definir apenas tarefa como a finalidade de uma atividade, uma vez que a tarefa do linguista é indissociável de seu objeto, por ele mesmo criado.

Ainda, a respeito da crítica apresentada por Vardar (1977) à análise de De Mauro (1973[1967]) e promovendo uma articulação com o que é destacado por Baumer (1968), observamos que, uma leitura do trabalho de Engler, que levanta o léxico terminológico saussuriano, mostra-nos, de fato, que a distinção entre matéria e objeto não se apresentou como relevante no glossário saussuriano elaborado pelo também editor crítico do CLG.

Uma evidência de que tal separação passou despercebida aos olhos de Engler é o fato de que o termo *matéria* não aparece em seu glossário e não há qualquer menção a ele na definição do termo *objeto*. Por outro lado, é importante evidenciarmos o estabelecimento de “coisa” como termo saussuriano, definido como o objeto da Linguística criado pelo ponto de vista, discussão que desenvolveremos adiante em análise às fontes manuscritas. Assim, embora Vardar (1977) teça crítica ao fato de que De Mauro se viu obrigado a reconhecer que o termo *objeto* no CLG comumente se refere à coisa, é preciso considerar que Saussure, no fluxo de elaboração de sua teoria, recorre a esse termo para nomear seu objeto até então inominado.

Depois de visitada a interpretação de De Mauro (1973[1967]) a respeito da distinção entre matéria e objeto na terminologia saussuriana e conhecidas adesões e recusas a ela, passemos à leitura de documentos saussurianos que nos ajudarão a argumentar em favor de uma tríade saussuriana que reúne a matéria, a tarefa e o objeto, que se sustenta não apenas pelo fato de aparecerem juntos na discussão apresentada no CLG, como destaca Vardar (1977), mas, sobretudo, pela própria natureza do objeto delineado por Saussure que tem em seu cerne a prática ou a tarefa do linguista.

Matéria, tarefa e objeto na edição do *Curso de Linguística Geral*

A matéria da Linguística é definida, no segundo capítulo da introdução do CLG, como sendo “constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37). Ao se considerar que se trata, então, de todas elas, Saussure esclarece que na matéria da Linguística estão inclusas manifestações de povos selvagens, de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou mesmo em decadência. Além do mais, estão inseridas nesse domínio não só manifestações consideradas como a linguagem correta ou a bela linguagem, “mas todas as formas de expressão” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37). A tudo isso se junta ainda o fato de que “como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37).

Das reflexões introduzidas no primeiro parágrafo do capítulo que acabamos de apresentar, chamamos a atenção para o estilo de escrita adotado na formulação desse conteúdo. Se por um lado, já é certo que a matéria da Linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, por outro, o trabalho que o linguista desenvolve com o texto se apresenta ainda em modo prospectivo, ele deverá levar em conta os textos escritos. Da mesma maneira, a tarefa da Linguística é apresentada. Ela será:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37).

Detenhamo-nos, ainda que brevemente, sobre as tarefas da Linguística elencadas por Saussure. No que tange à primeira delas, um leitor atento do capítulo precedente, “Visão geral sobre a história da Linguística”, pode ser levado a crer que está frente a uma inconsistência de pensamento. Isso porque no primeiro capítulo do CLG –*que para além de apenas histórico é também crítico* – Saussure tece forte ressalvas aos estudos comparatistas, dentre as quais está a concepção da língua enquanto organismo ou como um quarto reino da Natureza o que, certamente, inviabiliza a noção de língua mãe, comum aos estudos comparatistas.

A segunda tarefa da Linguística, segundo Saussure, está atrelada aos aspectos gerais que podem ser compreendidos a partir da comparação das línguas. Para nós, tal tarefa se mostra condizente com o próprio exercício teórico de Saussure que, como sabemos, de maneira original, propôs a noção de sistema para caracterizar aquilo que é, num âmbito universal, comum às línguas particulares.

Por fim, a terceira tarefa, uma vez mais, reflete uma necessidade percebida e perseguida por Saussure. Ela o levará a repensar o campo de estudos da linguagem – seja concebendo para a Linguística um objeto próprio, seja propondo uma metodologia condizente com tal objeto – possibilitando, anos mais tarde, uma guinada sem volta na história dos estudos linguísticos.

Ainda nesse capítulo, Saussure procura estabelecer as relações entre a Linguística e as ciências conexas. No entanto, o que mais nos chama a atenção é a maneira como este curto capítulo é concluído, a partir do questionamento sobre a utilidade da Linguística. Assim, num exercício assaz epistemológico Saussure se presta a justificar a existência dessa nova ciência. Para que serve a Linguística?

Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito ideias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões Linguísticas interessam a todos – historiadores, filólogos etc. – que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio em que tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 38).

Desse longo excerto, chamamos a atenção para a tarefa do linguista nele delimitada. Nessa ocasião, ela está em denunciar e dissipar tão quanto possível os erros, ideias absurdas, preconceitos, miragens e ficções tão comuns a esse domínio do saber.

O terceiro capítulo da introdução é o “Objeto da Linguística”. Dividido em três pequenas partes – “A língua: sua definição”, “Lugar da língua nos fatos da linguagem” e “Lugar da língua nos fatos da semiologia” –, esse capítulo é o responsável por apresentar, na edição de Bally e Sechehaye, a língua enquanto objeto da Linguística. O ponto de partida é a problemática em torno do objeto: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?”

O impasse da Linguística, esclarecem as páginas da edição, está no fato de que diferentemente de “outras ciências que trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39), na Linguística, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39).

A justificativa para essa conclusão surpreendente está no fato de que nenhum objeto é dado naturalmente ao linguista. Ao contrário, é criado por seu próprio ponto de vista. Além do mais, a natureza do fenômeno linguístico é sempre dual – acústico, vocal; individual, social; sistema, evolução – o que requer que o linguista sempre aborde o objeto por este ou por aquele lado. Assim, tendo em vista a particularidade do objeto da Linguística, Saussure chega à conclusão de que

(...)qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 40)

É nesse sentido, então, que Saussure propõe que tomemos a língua – conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [da linguagem] nos indivíduos; (op. cit. p. 41); “objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (op. cit. p. 46); “objeto que se pode estudar separadamente” (op. cit. p. 46); “objeto de natureza concreta” (op. cit. p. 46) – enquanto norma das manifestações da linguagem.

Depois de abordados, ainda que brevemente, os principais pontos dos capítulos “Matéria e tarefa da Linguística sua relação com as ciências conexas” e “Objeto da Linguística”, passemos, então, à leitura das anotações dos alunos afim de observarmos o estatuto dos termos *matéria*, *tarefa* e *objeto*.

Matéria, tarefa e objeto nas anotações dos alunos

Em sua edição crítica do *Curso de Linguística Geral*, Rudolf Engler (1989[1968]) apresenta como possíveis fontes utilizadas por Bally e Sechehaye, na elaboração do capítulo “Matéria e tarefa da Linguística; sua relação com as ciências conexas”, i) anotações de Riedlinger e Caille do primeiro curso ministrado por Saussure em Genebra – correspondentes apenas ao título do capítulo; e ii) anotações de Dégallier, Mme Sechehaye e Joseph do terceiro curso. Com vistas ao objetivo deste trabalho acompanhamos as anotações do último curso de Saussure relativas à questão da matéria, da tarefa e do objeto da Linguística, por nós agrupadas no quadro abaixo.

Quadro I: SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Tome 1, édition critique de R. Engler, Wiesbaden, Otto, Harrassowitz, 1968

D3	SI.2	J2
<p>¹⁰³ Darmesteter e Hatzfeld dão <esta definição> para <i>linguística</i>: estudo científico das línguas.</p> <p>1º O que este estudo tem por <i>matéria</i>?</p> <p>¹⁰⁴ a) qualquer manifestação de linguagem humana, civilizada ou obscura ou grosseira; não preferir um período de uma língua mais do que outro. Estuda também os períodos arcaicos e decadentes. No mesmo período, levará em conta todas espécies de formas.</p>	<p>¹⁰² Matéria e objeto são:</p> <p>¹⁰³ A) A matéria da linguística</p> <p>¹⁰⁴ estudará todas as línguas e todos os períodos, e não so- mente clássicos brilhantes, nem formas de bela linguagem, etc.</p> <p>¹⁰⁵ B) Em segundo lugar, se ocupa da língua na forma escrita, pois só conhecemos os idiomas passados por ela, mas ela liberta a língua que queríamos representar sem a confundir com a cobertura escrita (os signos gráficos são muito consideráveis).</p>	<p>¹⁰³ A linguística, ao contrário, como a concebemos agora, é um estudo <i>científico</i> das línguas.</p> <p>¹⁰⁴ Deverá levar em conta qualquer manifestação de linguagem,</p> <p>¹⁰⁵ oralmente e por escrito.</p> <p>¹⁰⁶ Aqui está o seu objeto:</p>

<p>¹⁰⁶ 2º - Objeto, tarefa deste estudo:</p> <p>¹⁰⁷ a) fazer história, tanto quanto possível, de todos os tipos de línguas. Chegaremos rapidamente à história das famílias de línguas.</p> <p>b) É preciso fazer emergir dessa história de todas as línguas leis gerais; encontrar<as>forças em jogo em todas <as> línguas, separar os fenômenos gerais dos fenômenos particulares.</p> <p>¹⁰⁸ c) tarefas mais especiais:</p> <p>¹⁰⁹ Uma das tarefas especiais da lingüística é definir-se (portanto, suas relações com a psicologia).</p>	<p>¹⁰⁶ O <i>objeto</i> ou tarefa será:</p> <p>¹⁰⁷ a história de todas as línguas (o que inclui naturalmente o estudo das línguas maternas).</p> <p>¹⁰⁸ B) Em segundo lugar, buscar as forças em jogo de forma uma maneira permanente e universal em todas as línguas; depreender as leis às quais podemos reduzir os fenômenos mencionados.</p>	<p>¹⁰⁷ 1º a história das línguas conhecidas, a história das famílias linguísticas;</p> <p>¹⁰⁸ 2º extrair desta história as leis mais gerais;</p> <p>¹⁰⁹ É, portanto, uma tarefa da lingüística definir a si mesma.</p>
--	--	---

Fonte: Saussure (1968)

Das anotações dos alunos, correspondentes aos primeiros parágrafos do segundo capítulo da Introdução do CLG, destacamos um aspecto que se faz presente nas anotações de Dégallier e que, no entanto, se ausenta das anotações de Mme Secheyne e ganha forma distinta nas anotações de Joseph: a referência à definição de *linguistique* apresentada por Darmesteter e Hatzfeld, também por Thomas, no “*Dictionnaire Général de la Langue Française: du commencement du XVII siècle jusqu’à nos jours*”. Tal definição também não aparece na edição do CLG. Detenhamo-nos um pouco, então, na definição apresentada por esse dicionário e que, ao que indicam as anotações de Dégallier, serviu de ponto de partida para o mestre genebrino.

Figura 1: Hatzfeld, A. *Dictionnaire Général de la Langue Française: du commencement du XVII siècle jusqu’à nos jours*. Paris: Libraire Ch. Delagrave, s/d.

LINGUISTE [lin-guist'] *s. m. et f.*
[ÉTYM. Dérivé de *lingua*, *langue*, § 265. || XVII^e s. CHAPELAIN, *Lett. dans DELB. Rec. Admis ACAD. 1835.*]
|| (T. didact.) Celui, celle qui s'adonne à l'étude scientifique des langues.

LINGUISTIQUE [lin-guist'-tik'] *adj.*
[ÉTYM. Dérivé de *linguiste*, § 229. || *Néolog. Admis ACAD. 1835.*]
|| (T. didact.) Relatif à l'étude scientifique des langues.
Substantif, au fém. La —, la science du linguiste.

LINIER TÈRE [lin-nyé -nyèr] *s. m. et f.*

No que se refere a este campo semântico, o dicionário francês apresenta definições para dois vocábulos: o primeiro, *linguiste*: etimologicamente derivado de língua, diz daquele que se dedica ao

estudo científico das línguas; o segundo, *linguistique*: etimologicamente derivado de *linguiste*, é relativo ao estudo científico das línguas; é a ciência do linguista.

Para introduzir sua reflexão, Saussure se vale, bem se vê, da definição de Linguística dada pelo dicionário enquanto estudo científico da língua. Nas anotações de Joseph, “A Linguística ao contrário, como a conhecemos agora, é um estudo *científico* das línguas”. Tal definição, não há dúvidas, se mostra insuficiente na explicação de numerosos aspectos dessa ciência do linguista. É o que problematiza Saussure, e o que se pode acompanhar, sobretudo, nas anotações de Dégallier, ao propor duas importantes questões. A primeira: qual é a matéria desse estudo científico das línguas? A segunda, deduz-se da forma abreviada escrita pelo aluno, qual é o objeto, a tarefa desse estudo?

Nas anotações de Dégallier e de Joseph, a matéria da Linguística é definida, tal qual o é na edição do CLG, enquanto “toda manifestação da linguagem humana”. Nas de Mme Secheyaye, por seu turno, enquanto o estudo “de todas as línguas e todos os períodos”. Além do mais, como ressaltam os três alunos, em consonância com o CLG, caber Linguística se ocupar também da língua escrita. Nas palavras de Joseph, a Linguística deve ter em conta todas as manifestações da linguagem humana, sejam elas orais, sejam elas escritas.

A questo do objeto o segundo ponto tratado por Saussure. Chamamos a atenção para o modo como esse termo aparece, respectivamente, nas anotações de Dégallier e de Mme Secheyaye: ¹⁰⁶2 - Objet, tche de cette tude: e ¹⁰⁶ Lobjet ou tche sera:. Bem se vê, na primeira anotação, o termo *objeto* ser seguido de vírgula e acompanhado do termo *tarefa*, estabelecendo uma possível relação de sinonímia. Tal relação se confirma na anotação de Mme Secheyaye em que o termo *objeto* seguido da conjunção alternativa *ou*. Com base nisso, questionamo-nos se, para Saussure, nesta ocasião, o termo *objeto* possui sentido aproximado de *tarefa*.

Avaliemos as respostas que Saussure mesmo propõe para suas questões epistemológicas e que podem auxiliar-nos nessa indagação. Para ele, o objeto ou tarefa da Linguística a) fazer a história das todas as línguas conhecidas e, conseqüentemente, a história de suas famílias; b) retirar dessa história as leis mais gerais; e c), nas palavras de Dégallier, uma das tarefas mais especiais, definir-se a si mesma. Tendo em vista os itens elencados pelo linguista genebrino, parece-nos que o que ele chama de objeto (ou tarefa), neste contexto de reflexão, está, de fato, para as tarefas da ciência Linguística, e não para o objeto de estudo dessa ciência propriamente dito.

Dessa maneira, considerando a distinção proposta por De Mauro (1973[1967]) entre matéria e objeto, é possível, neste ponto de nossa análise, evidenciar que nas anotações dos alunos os termos *matéria* e *objeto* parecem se diferir, e que Saussure organiza sua fala tendo em vista esses dois aspectos distintos. É o que se evidencia nas anotações de Dégallier e Mme Secheyaye, em que fica claro que Saussure se propõe a tratar de dois aspectos da ciência Linguística: de sua matéria e de seu objeto.

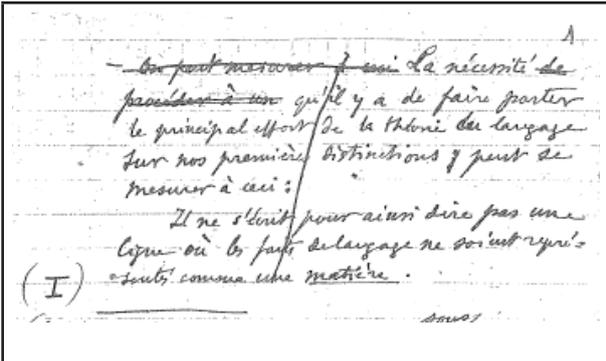
Apesar disso, evidenciamos que, nesta ocasião de reflexão, o termo *objeto* aparece nas anotações de dois alunos acompanhado do termo *tarefa*, sugerindo uma aproximação entre eles. Além disso, os itens que esclarecem esse objeto/tarefa da Linguística parecem se aproximar da definição estabelecida por De Mauro (1973[1967]) enquanto “finalidade de uma atividade”, já que estabelecem prospectivamente as tarefas do linguista ou da Linguística. Nesse contexto, parece que ainda estamos distantes da definição da

língua enquanto o objeto primeiro da ciência Linguística. Apesar do posicionamento radical de Vardar (1977), é preciso destacar que o termo *tarafa*, escolhido pelos editores para as passagens do CLG, se aproxima do que De Mauro propõe como “finalidade de uma atividade”.

Matéria, tarefa e objeto nas *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f*.

Dentre os documentos que foram utilizados na elaboração do capítulo “Objeto da Linguística” está o manuscrito saussuriano *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f*. Doado à Biblioteca de Genebra em 1955, catalogado por Robert Godel e arquivado no conjunto de manuscrito Mr. fr. 3951, tal documento foi utilizado, sobretudo, para elaboração de três importantes reflexões da edição de 1916: i) a imaterialidade do fenômeno linguístico; ii) o fato de que, em Linguística, o ponto de vista cria o objeto e; iii) a conclusão de que a língua é forma e não substância. Passemos a examinar, então, de que maneira as reflexões a respeito da matéria, da tarefa e do objeto aparecem nesse documento.

Quadro II: Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 1. Excerto 1.

 <p>On peut mesurer à ceci la nécessité de procéder à un qu'il y a de faire porter le principal effort de la théorie du langage sur nos premières distinctions et peut se mesurer à ceci :</p> <p>Il ne s'écrit pour ainsi dire pas une ligne où les faits de langage ne soient représentés comme une <u>matière</u>.</p> <p>(I)</p>	<p>Podemos medir esta A necessidade de realizar um que há de mudar o principal esforço da teoria da linguagem sobre nossas primeiras distinções [x] pode ser medido assim: — Não se escreve, por assim dizer, uma linha em que os fatos da linguagem não são representados como uma <u>matéria</u>.^{II}</p> <p>(I) _____</p>
--	---

Fonte: Saussure (1981?)

Já na primeira página da organização de Godel (ANO) dada ao documento, como se pode verificar no excerto acima, Saussure argumenta a respeito do principal *esforço*, a nosso ver, passível de ser entendido também como *tarafa*, da teoria da linguagem: estabelecer suas distinções primeiras. A razão desse esforço é logo esclarecida: não pode escrever uma linha em teoria da linguagem em que os fatos da linguagem não são representados enquanto uma matéria, termo sublinhado por Saussure. Bem se vê, que Saussure descarta essa primeira reflexão com uma rasura diagonal, que, no entanto, não descarta completamente o que fora escrito.

Com um traço, anunciando uma nova divisão, Saussure recomeça sua reflexão.

II Tradução nossa de: =On peut mesurer à ceci la nécessité de procéder à un qu'il y a de faire porter le principal effort de la théorie du langage sur nos première distinctions [x] peut se mesurer à ceci : Il ne s'écrit pour ainsi dire pas une ligne où les faits de langage ne soient représentés comme une matière.

Quadro III: Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 1. Excerto 2.

<p>(Aliter) - Comme le langage n'offre pas ^{sua} aucune ^{de suas manifestações} de ses manifestations ^{côté} une matière ^{substância} mais seulement des <u>actions</u> combinées ^{ou isoladas} de forces physiologiques, physiques, mentales; - et comme néanmoins toutes nos distinctions, toute notre terminologie, toutes nos façon de parler sont adoptées à l'idée du langage matière moulées sur la ^{cette} supposition plus ou moins ^{plus ou moins} involontaire ^[x] d'une matière ^{substância}, on ne peut inevitablement ^{inevitável} se refuser, avant tout, à reconnaître que la théorie du langage aura pour plus essentielle tâche de démêler ce qu'il en est de nos distinctions premières. Il nous est impossible d'accorder une valeur ^{um valor} qu'on ait le droit d'élever toutes ^{todas} une théorie en se passant de ce travail de définition, quoique cette manière commode [x] ait paru satisfaire jusqu'à []</p> <p>T. S. V. P.</p> <p>présent le public linguistique</p>	<p>(Caso contrário) - Como a linguagem não oferece ^{sua} nenhuma ^{de suas manifestações} lado uma matéria ^{substância}, mas apenas <u>ações combinadas</u> ^{ou isoladas} de forças psicológicas, físicas, mentais; - e como, não obstante, todas as nossas distinções, toda nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar adotam a ideia da linguagem material moldadas sobre a ^{essa} suposição mais ou menos involuntária ^[x] de uma matéria ^{substância}, não se pode inevitável deixar de reconhecer, antes de tudo, que a teoria da linguagem terá, como tarefa principal, que esclarecer quais são nossas primeiras distinções. É impossível, para nós, aceitar <u>um valor</u> que se tem o direito de construir <u>todas uma teoria abs- tendo-se desse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda [x] pareça satisfazer, até agora, < o presente público linguístico > III</u>.</p>
---	--

Fonte: Saussure (1981?)

Ele parte, então, do fato de que a linguagem não oferece em nenhuma de suas manifestações uma matéria. Com uma rasura, o linguista elimina o termo matéria e, com um inciso, o substitui por *substância*. Em primeiro lugar, como se vê, a linguagem é entendida a partir de suas manifestações, tal qual o é na edição do CLG. No entanto, o ponto destacado por Saussure é que em nenhuma das manifestações da linguagem há matéria, ou melhor, substância. Elas são constituídas por ações combinadas, ou isoladas como acrescenta o inciso, de forças psicológicas, físicas e mentais. Por outro lado, o linguista denuncia que toda a terminologia da teoria da linguagem, todas as suas maneiras de falar “adotam a ideia da linguagem material”, ou melhor dizendo, são moldadas na suposição de uma matéria, termo que novamente ele rasura e substitui por substância. Nesse momento, o linguista genebrino dá vistas a principal das tarefas da teoria da linguagem: esclarecer quais são suas distinções primeiras. Isso porque, para ele, é impossível que uma teoria se abstenha desse trabalho de definição, mesmo que, até agora, é o que tem sido feito pelos linguistas.

Considerando os termos *matéria* e *tarefa* que aparecem nesse excerto, vemos, então, que a matéria está atrelada ao que Saussure entende por substância. Além do mais, nesta ocasião, o linguista parece

III (Aliter) - Comme le langage n'offre pas ^{sua} aucune ^{de suas manifestações} ~~de ses manifestations~~ ^{côté} une ~~matière~~ ^{substância}, mais seulement des actions combinées ^{ou isolées} de forces physiologiques, psychiques, mentales; - et comme néanmoins toutes nos distinctions, toute notre terminologie, toutes nos façon de parler sont adoptées à l'idée du langage matière moulées sur la ^{cette} supposition ~~plus ou moins~~ ^{plus ou moins} involontaire ^[x] d'une ~~matière~~ ^{substância}, on ne peut ~~inevitablement~~ ^{inevitável} se refuser, avant tout, à reconnaître que la théorie du langage aura pour plus essentielle tâche de démêler ce qu'il en est de nos distinctions premières. Il nous est impossible d'accorder ~~une valeur~~ ^{um valor} qu'on ait le droit d'élever ~~toutes~~ ^{todas} une théorie en se passant de ce travail de définition, quoique cette manière commode [x] ait paru satisfaire jusqu'à []

insatisfeito com o uso do termo matéria, substituindo-o, recorrentemente, por outro, substância. A nosso ver, então, embora Saussure trate das manifestações da linguagem sua argumentação está direcionada para esclarecer que não há nelas substância e não em defini-las como a matéria da ciência Linguística. Quanto à tarefa, é preciso observar que Saussure se mostra amplamente insatisfeito com a terminologia da teoria Linguística, tendo em vista que pressupõe a existência de substância nas manifestações da linguagem. Desse modo, ele estabelece que é tarefa da Linguística delimitar suas distinções primeiras. Assim, tendo em vista as tarefas da Linguística apresentadas no CLG, à de delimitar-se e definir-se a si mesmas, acrescentaríamos, conforme o que postula Saussure, a de estabelecer suas distinções primeiras, isto é, definir sua própria terminologia.

Quadro IV – Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 7.

<p><i>Le lien qu'on établit entre les choses</i> à mesure qu' Plus on approfondit la matière ^{proposée} de l'étude linguistique, plus on se convainc ^{de cette vérité} de cette vérité, qui donne ^{impulsion} à réfléchir: que le lien qu'on établit entre les choses préexiste ^{elles-mêmes} aux choses elles-mêmes, et sert à les déterminer.</p> <p>Ailleurs il y a des choses, ^{qu'on considère} et l'on est libre de considérer ^{à différents points de vue} à différents points de vue. Ici il y a d'abord des points de vue, justes ou faux, à l'aide desquels on ^{crée} des choses. Les créations se trouvent correspondre à des réalités quand le point de départ est juste, ou n'y pas correspondre dans le cas contraire: mais dans les deux cas aucune chose n'est donnée ^{avant une critique} avant une critique.</p> <p><i>mais un point de vue</i> <i>T.C.V.P.A.</i></p>	<p>A ligação que estabelecemos entre as coisas À medida que mais aprofundamentos a a matéria ^{proposta ao} estudo linguístico, mais convencemo-nos ^[x] dessa verdade que leva, seria inútil dissimular ^{mu} muito singularmente a reflexão: que a ligação que estabelecemos entre as coisas preexiste ^{nesse domínio} às próprias coisas, e serve para determiná-las. Em outros lugares, há as coisas ^{os objetos dados} que considera[] é livre de se considerar em seguida de diferentes pontos de vista. Aqui há de início os pontos de vista, justos ou falsos, ^{mas unicamente pontos de vista} com a ajuda dos quais CRIAMOS ^{secundariamente} as coisas. Essas criações correspondem a realidades quanto o ponto de partida é justo, ou não correspondem, em caso contrário: mas nos dois casos nenhuma coisa, nenhum objeto é dado antes de uma criti[] a não ser pela crítica dos pontos de vista ^{IV} _{um só instante em si}.</p>
---	--

Fonte: Autor Saussure (1981?)

Neste outro excerto em destaque, Saussure, mais uma vez, faz menção à matéria, desta vez, porém, não no sentido de substância, como antes por ele recocado. Aqui sua referência é a matéria de estudo linguístico ou, como ele uma vez mais reformula, a matéria proposta ao estudo linguístico. De nossa parte, acreditamos que nessa ocasião o sentido de tal termo se aproxima daquele observado por De

IV Tradução nossa de: Le lien qu'on établit entre les choses À mesure qu' Plus on approfondit la La matière ^{proposée à} de l'étude linguistique, plus on se convainc ^[x] de cette vérité, qui donne ^{il serait inutile de le dissimuler} beaucoup ^{singulièrement} à réflexion: que le lien qu'on établit entre les choses préexiste ^{des objets donés} dans ce domaine ^{aux choses elles-mêmes} aux choses elles-mêmes, et sert à les déterminer. Ailleurs il y a des choses, justes ou faux, ^{mais uniquement des points de vue} à l'aide desquels on CREE ^{secundairement} des choses. Ces créations se trouvent correspondre à des réalités quand le point de départ est juste, ou n'y pas correspondre dans le cas contraire: mais dans les deux cas aucune chose n'est donnée aucun objet n'est donné avant une criti[] que pas la critique des point de vue ^{un seul instant en soi}.

Mauro (1973[1967])). Isso porque Saussure parece sugerir um exercício de frente à matéria do estudo linguístico, um aprofundamento, uma análise que nos colocará frente às coisas, evidenciando que a relação entre essas coisas preexiste a elas mesmas.

Nesse contexto, um novo termo se apresenta e merece atenção, *coisas*, e que, ao longo do excerto, se alternará com *objetos*. Ainda é possível observar a reflexão que servirá de fonte para a compreensão de que em Linguística o ponto de vista cria o objeto. Quanto a isso, chamamos a atenção para o fato de que Saussure parecia estar às voltas com o objeto, nomeando-o ainda de forma imprecisa, como coisa. É o que levará Engler a propor esse termo como constitutivo do léxico saussuriano.

Além disso, é preciso considerar ainda o exercício que a análise implica frente a essa coisa ou objeto. Frente à matéria proposta ao estudo linguístico, há pontos de vistas, são eles quem criam as coisas, criam os objetos. A nosso ver, esse excerto condensa o que temos defendido neste trabalho, a indissociabilidade da reflexão sobre a matéria, a tarefa e o objeto na visão saussuriana. Isso porque, como Saussure estabelece, frente à matéria, a tarefa do linguista é criar o objeto. É nesse sentido que, ao que nos parece, torna-se impossível pensar o objeto sem levar em consideração a tarefa, uma vez a tarefa do linguista é condição de existência de seu objeto.

Algumas considerações

Com vistas à distinção entre matéria e objeto na teoria saussuriana, partimos nesse estudo em direção a uma análise de documentos que serviram de fonte para elaboração do CLG. De nossa parte, objetivamos averiguar essa era uma distinção que Saussure, à sua maneira, procurou demarcar. Nossa análise dos cadernos dos alunos demonstrou que, na ocasião do terceiro curso ministrado em Genebra, Saussure toma como termos distintos *matéria* e *objeto*. No entanto, o sentido de objeto nesse contexto está para *tarefa*. Nesse sentido, ele se aproxima do que propõe De Mauro ao estabelecer que objeto é a finalidade de uma operação. Todavia, é preciso ressaltar, o objeto a que se refere Saussure nesse contexto didático não é o mesmo de quando ele define a língua como objeto de estudo da Linguística.

Nossa breve análise do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f* demonstrou que *matéria*, *tarefa*, *objeto* e, ainda, *coisa* são termos recorrentes nesse momento da elaboração teórica de Saussure. Entretanto, o termo *matéria* aparece como relativo à substância, tanto o é que, em certas ocasiões, ele é rasurado e substituído por substância. Resta-nos a questão: teria Saussure observado a polissemia do termo *matéria*, nessa ocasião de reflexão, e suas implicações para o que ele compreenderá como objeto? Uma resposta afirmativa é possível se considerarmos que, ainda nesse documento, Saussure faz referência à matéria do estudo linguístico, aproximando, ao que nos parece, ao sentido destacado por De Mauro como fenômeno anterior à análise do linguista. Vimos também, neste contexto, uma flutuação entre o termo *coisa* e *objeto* na reflexão que dará origem à compreensão de que o ponto de vista cria o objeto, dando-nos vistas à articulação entre o fazer do linguista e a criação de seu próprio objeto.

A nosso ver, essa análise contribuiu para refletirmos, uma vez mais, sobre o estabelecimento do objeto da ciência Linguística, mas, para além disso, deu-nos condições de evidenciarmos como o objeto linguístico é estabelecido por Saussure à medida que ele esclarece o que faz o linguista, especificamente,

e a Linguística, em um âmbito geral. É nesse sentido que o objeto e a tarefa do linguista parecem constituir-se mutuamente na visão saussuriana, o que não está em desacordo com a máxima de que, em Linguística, é o ponto de vista, evidentemente do linguista, que cria o objeto. Nesse sentido, a tarefa, para além de ser uma intermediária entre a matéria e o objeto, constitui a condição do objeto em Linguística.

Referências:

BAUMER, I. Saussure, Corso di linguistique generale. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, v. 24, n. 1, p. 89-94. Genève: Droz, 1968.

DE MAURO, T. Notes. In: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Edition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1973[1967].

HATZFELD, A. **Dictionnaire Général de la Langue Française**: du commencement du XVII siècle jusqu'à nos jours. Paris: Libraire Ch. Delagrave, s/d.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica de R. Engler. (Tome 1 e 2). Wiesbade: Otto Harrassowitz, 1968 e 1974.

SAUSSURE, F. de. Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891?.

TURPIN, B. Modélisation, langage et langue chez Saussure. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.47, n. 1, p. 159-175. Genève: Droz, 1993.

VARDAR, B. Le terme 'objet' dans le CLG. In: Cahier Ferdinand de Saussure. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.31, n. 1, p. 269-275. Genève: Droz, 1977.